BIENAL POBRE POBRE BIENAL

(Continuado da pág. anterior)

exemplos (apetece dizer exemplares) desta ironia refinada: No dia da inauguração mundana, com a multidão cruzando a vasta esplanada que liga os dois Museus de Arte Moderna, um par desnuda-se, cobre-se com a bandeira americana, deita-se..., veste-se rapidamente e parte sem ser identificado ou detido. Fotografias nos jornais. Grossa publicidade. Ainda no dia da inauguração, um grupo de jovens generais passava em revista as obras expostas e aplaudia ruidosamente. Os generais, contudo, eram... falsos. Alguns dias depois, um pequeno comando da Polícia tenta restabelecer a ordem na Bienal e, como elefante na casa de louças, desencadeia reacções sucessivas, protestos, partidas.

Um quarto elemento se vem acrescentar aos já citados: a reacção unânime da imprensa especializada, do «Monde» às «Lettres Françaises» de «Combat» a bem-falante «Quinzena Literária». Nunca me foi dado assistir a uma demolição sistemática tão virulenta, tão mordaz, tão cáustica, como aquela a que a Imprensa parisiense se entregou a propósito da Bienal de Paris. Créditos reduzidos, espírito mesquinho, vistas curtas, escolha discutível, mediocridade, falta de imaginação, falta de responsabilidade, cópia desenfreada, festival do «pastiche»... tudo foi dito.

Na verdade, a crítica tem razão: chegar à sexta edição de uma Bienal e não evoluir, viver

dos louros do passado, querer dourar os velhos bronzes, fechar os olhos à mutação gigantesca da sociedade e à fermentação espiritual que percorre a Europa, equivale a querer dar da arte e dos artistas na sociedade moderna uma imagem de pobreza, de miserabilismo, de conformismo e de estagnação, que não concordam de maneira alguma com a realidade. A sociedade burguesa tentou e conseguiu recuperar a maioria dos movimentos de renovação da última década. Mas uma droga é sempre uma droga, antes ou depois de ingerida, e os seus efeitos, atenuados por algum tempo, acabam por se manifestar. Não é *recuperando* que as Bienais cumprem a sua função. Não é esterilizando. E' necessário repensar completamente as Bienais, Grandes Prémios, Exposições, Fundações Artísticas, Bancos. Ou então a evolução da arte far-se-á sem eles, tal como no começo do século o cubismo, o futurismo, o dadaísmo se passaram perfeitamente dos Salões.

Num próximo artigo abordaremos o sentido geral da Bienal, os envios, as surpresas, os momentos de interesse.

Tempo Literário

(Continuado da pág. anterior)

le que, objectivamente os valorizou, enquanto as inteligências toradas, ultimas da impedida-de dos meus juízos, afiam o gume das suas jaças para me retalharem os figados. E esta cena que se repete há mais de três décadas só a representa aquele prenda de estreante mas uma guilheta que penosamente lhe tirava os movimentos desde o dia em que resolveu sacrificar a sua carreira de escritor à sua missão de juiz.

Tendo chegado a hora em que a crítica e a história da literatura começam a proceder ao balanço das actividades de uma geração que, bom ou mau, deixou rasto nas letras da primeira metade do século XX, eis-me a mim próprio enredado nos seus julgamentos, e não vejo parte desse menor relevo, já que parte dessa geração ha pouco tive oportunidade de me ocupar aqui mesmo do ensaio do jovem Fernando Guimarães, A Poesia da «Presença» e o Aparecimento do Neo-Realismo, obra onde sou largamente focado, e já hoje me encontro diante de um livro onde o romance do modernismo e outros aspectos da actividade literária da mesma geração são apreciados com objectividade no que respeita aos meus camaradas e com generosidade no que me diz respeito a mim. Refiro-me ás Novas Perspectivas, de Luís Forjaz Trigueiros, obra incluída na colecção Ensaistas Contemporaneos da União Gráfica. Desta feita a posição agrava-se, uma vez que Luís Forjaz Trigueiros pertence ao número dos meus mais queridos amigos entre os críticos das gerações posteriores á da Presença, e tudo que eu diga a respeito dos méritos do seu livro, que são muitos, se antolhará aquelles que me olham, desconfiados, como uma retribuição de favores.

Bem certo que sempre me alheei do que possa pensar a má consciência dos que nunca deram porque a têm, e não é agora que vou mudar de comportamento. Em todo o caso aproveito a oportunidade para pôr os pontos nos ii, feito o que sigo o meu caminho. Formado em grande parte por breves trechos vindos a lume neste jornal sob a rubrica de Temas, as Novas Perspectivas são um documento dos mais notáveis com que contra a já longa bibliografia de Luís Forjaz Trigueiros. A par desses breves ensaios, ao mesmo tempo de confidencia e objectivos, duvidade que caracteriza os escritos deste ensaísta, que é do mesmo tempo jiocionista, crítico literário e crítico dramático, figuram, na colectanea agora dada á estampa pelo autor de Ventos e Marés, quatro trabalhos de folego. São eles as duas conferências que ocupam a primeira parte do livro — Ficção e Poesia — intitulada uma A Literatura Psicologia Metafísica e de Situação Existencial (em Portugal de 1925 a 1962) e a outra A Poesia do segundo Modernismo, e as duas que fizeram na III Parte, respectivamente O Teatro de Alfredo Cortês e Uma Perspectiva do Teatro Contemporaneo. As restantes, duas partes das Novas Perspectivas — Notas dum Diario de Critica e Temas e Autores Brasileiros —, de menor tomo, inscrevem-se sob o signo do «diário de crítica», ao, como dissemos acima, ao

CRITIC

BIENAL POBRE

POBRE BIENAL

(Continuado da pág. anterior)

exemplos (apetece dizer exemplares) desta ironia refinada: No dia da inauguração mundana, com a multidão cruzando a vasta esplanada que liga os dois Museus de Arte Moderna, um par desnuda-se, cobre-se com a bandeira americana, deita-se..., veste-se ràpidamente e parte sem ser identificado ou detido. Fotografias nos jornais. Grossa publicidade. Ainda no dia da inauguração, um grupo de jovens generais passava em revista as obras expostas e aplaudia ruidosamente. Os generais, contudo, eram... falsos. Alguns dias depois, um pequeno comando da Polícia tenta restabelecer a ordem na Bienal e, como elefante na casa de louças, desencadeia reacções sucessivas, protestos, partidas.

Um quarto elemento se vem acrescentar aos já citados: a reacção unânime da imprensa especializada, do «Monde» às «Lettres Françaises» de «Combat» a bem-falante «Quinzena Literária». Nunca me foi dado assistir a uma demolição sistemática tão virulenta, tão mordaz, tão cáustica, como aquela a que a Imprensa parisiense se entregou a propósito da Bienal de Paris. Créditos reduzidos, espírito mesquinho, vistas curtas, escolha discutível, mediocridade, falta de imaginação, falta de responsabilidade, cópia desenfreada, festival do «pastiche»... tudo foi dito.

Na verdade, a crítica tem razão: chegar à sexta edição de uma Bienal e não evoluir, viver

de surpreendente eleito: *você não precisa de saber / quem descobriu o Cabo Horn / nem tampouco a que significa / maranguaje / Confia em nós. Pensaremos / por si. Deixe os irlandeses / de Ulster / regarem-se com garrafas de petróleo.*

Porém, embora seja essa parte, de poemas directos, empenhados, sarcásticos, a que nos parece maior a novidade e o interesse do livro de Fernando Namora, este, em «Novos Retratos de Família» e em «Líricas», dá expressão a aspectos também essenciais da sua personalidade poética. E contrastadas as diferentes partes de que se compõe o livro, ele como que ganha mais humana resonância, ao mundo da alienação sendo oposto um mundo de humanidade plena. E mesmo importante encontrar, entre as «Líricas», estes versos simples, coloquiais, tão logo entendidos como fala a um só e preciso destinatário: *Se eu pudesse / esquecer só / para ti / (que é / um modo de dizer: / como a brisa passa / porque é brisa / / como as águas / correm porque / são água / como a planta respira / e a fera mata) / se eu pudesse / esquecer / sem endereços / sem sobrescritos / sem o medo / de ser lido / de ter escrito / seria a verdade / dos rios / seria a prata noctuma / / a sós com o mar / seria o lábio / da boca desnuda / seria montanha / seria rio / seria mar / seria asa. / Seria eu.* Vamos precisando também disto, nós, os leitores de poesia.

Fernando Namora

rural, aparecendo agora com um livro sociologicamente delimitação ubana, trajecto de resto idêntico ao cumprido na sua obra de ficcionista, revela uma percepção a mudanças fundamentais nas estruturas da sociedade em que vive, que muito interessa assinalar ao registar o aparecimento deste seu livro, iamos a dizer, para nós quase e esperado.

Marketing é o título do livro. Já há uns dez anos, naquele que é um dos melhores estudos de conjuntura literária portuguesa feitos por um contemporâneo, o estudo que antecedeu e explica a 3.ª série de *Líricas Portuguesas*, por Jorge de Sena, a distribuição profissional dos poetas apresentados era sintomática. Dez anos depois se andará longe da verdade se se afirmar que, irrespectivamente a *temos*, quase toda a *praxis* da poesia portuguesa desembocou na publicidade, nas relações públicas... no *marketing*. Fenómeno que merecerá o seu estudo, quando alguém, no futuro, se ocupar das mudanças de que somos participantes e testemunhas.

Entendemos e apreciamos o livro de Fernando Namora, agora vindo a público, como um salutar desafio à situação envolvente, como uma denúncia da generalizada alienação, ainda que sarcasticamente des-